



UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alana Almeida Nunes¹
Niele dos santos Nunes²
Renan Luiz Albuquerque Vieira³

RESUMO

Integrar o estudo das plantas alimentícias não convencionais (PANC) ao Ensino de Ciências da Natureza na Educação Básica é o objetivo deste trabalho. As PANC são espécies vegetais comestíveis, de elevado valor nutricional, geralmente nativas e adaptadas ao local, resistentes às pragas e pouco exigentes aos insumos químicos. São frequentemente negligenciadas, desconhecidas e tratadas como “ervas daninhas” ou “mato”, o que contribui para a perda de saberes ancestrais. O estudo envolveu estudantes da Educação Básica, com faixa etária variada, de uma escola pública estadual no Recôncavo da Bahia. Foi aplicado um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, visando coletar informações sobre o conhecimento, a comercialização e os usos das PANC. A literatura especializada auxiliou na identificação taxonômica e nos usos fitoterápicos ou culinários dessas plantas. Os resultados indicaram conhecimento limitado sobre as PANC, com destaque para espécies como *Talinum paniculatum* (língua-de-vaca) e *Pereskia aculeata* (ora-pro-nóbis). A maioria dos alunos não comercializa nem consome regularmente essas plantas, valorizando principalmente as folhas preparadas como refogadas ou cozidas. Apesar disso, muitos estudantes possuem contato com práticas agrícolas tradicionais, refletindo a riqueza cultural do Recôncavo da Bahia, região reconhecida por suas tradições e saberes ancestrais. A educação ambiental, com sua abordagem transversal, oferece uma importante estratégia para promover programas e projetos com foco agroecológico, contribuindo para práticas agrícolas sustentáveis, além da segurança e soberania alimentar. Para apoiar esse processo, um guia pedagógico sobre as PANC foi estruturado e está sendo testado, estimulando a discussão sobre sustentabilidade junto às turmas da Educação Básica.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Segurança Alimentar, Recôncavo da Bahia.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia - UFRB, alanaalmeidanunes381@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia - UFRB, nielenunes12@aluno.ufrb.edu.br;

³ Doutor em Ciência Animal nos Trópicos - UFBA, renan.albuquerque@hotmail.com;





INTRODUÇÃO

As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) representam um recurso nutricional, ambiental e cultural de grande relevância, ainda pouco explorado nos contextos educacionais e sociais. Caracterizadas por sua adaptabilidade a ambientes locais, resistência a pragas e baixo custo de cultivo, as PANC possuem alto potencial para contribuir com a segurança alimentar, especialmente em regiões que enfrentam desafios socioeconômicos e ambientais. No entanto, muitas dessas espécies são negligenciadas, frequentemente tratadas como “ervas daninhas” ou “mato”, o que contribui para a perda de biodiversidade e para a desconexão entre as novas gerações e os saberes tradicionais ligados à flora regional. Essa visão é reforçada por autores como Kinupp e Lorenzi (2021), que destacam que o preconceito cultural e a falta de conhecimento científico sobre essas espécies dificultam sua inserção nos hábitos alimentares e escolares. Assim, torna-se essencial promover ações educativas que resgatem e valorizem esses saberes, aproximando-os do cotidiano escolar e comunitário (VIEIRA *et al.*, 2023).

Além do valor ecológico, as PANC apresentam propriedades farmacológicas e nutricionais significativas, sendo reconhecidas como alternativas viáveis para o combate à fome e à insegurança alimentar. Muitas espécies contêm elevados teores de vitaminas, minerais e compostos bioativos, como antioxidantes e fibras, que contribuem para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Por sua rusticidade e diversidade genética, essas plantas demandam menos insumos agrícolas e se desenvolvem em solos pobres, o que favorece o cultivo sustentável e o fortalecimento da biodiversidade alimentar. Dessa forma, o uso e o ensino sobre as PANC configuram-se como estratégias para a valorização dos saberes locais e para a construção de uma cultura alimentar mais saudável, diversa e ambientalmente responsável (ECHER *et al.*, 2021; CHEROBINI, MARQUES e BIONDO, 2022).

Abordar essa temática no Ensino Médio parece essencial na formação de cidadãos críticos e conscientes da importância da sustentabilidade ambiental e alimentar. Integrar o estudo das PANC ao currículo de Ciências da Natureza possibilita uma aprendizagem contextualizada, que dialogue com a realidade dos estudantes e valorize o patrimônio natural e cultural da região em que estão inseridos. O conhecimento ambiental deve ir além da transmissão de informações, incentivando a reflexão crítica e a participação ativa na





promoção de práticas sustentáveis, fortalecendo valores coletivos para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com o meio ambiente (JACOBI, 2003). Estudos como o de Vieira *et al.*, (2023) evidenciam o potencial das práticas de educação ambiental no ensino de Ciências, ao promover a mudança de percepções e atitudes dos estudantes diante dos elementos da biodiversidade local, destacando o valor pedagógico da relação entre cultura, natureza e sustentabilidade.

O presente relato investigou a percepção dos estudantes do Ensino Médio acerca das PANC em uma escola pública do Recôncavo da Bahia. Este trabalho teve como foco compreender o conhecimento e a percepção sobre as PANC entre estudantes do Ensino Médio, em um território marcado por uma rica diversidade cultural e uma forte tradição no uso de plantas locais para alimentação e medicina popular.

METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o intuito de compreender o conhecimento e a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). A pesquisa ocorreu em uma escola pública estadual situada no Recôncavo da Bahia e contou com a participação de 20 alunos.

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pelo seu potencial de permitir um olhar mais sensível e interpretativo sobre o objeto de estudo. Diferente das pesquisas de caráter quantitativo, que buscam medir e generalizar dados, a pesquisa qualitativa se volta para os significados e para a compreensão das experiências humanas. Segundo Almeida *et al.*, (2025), esse tipo de investigação permite ao pesquisador compreender como os sujeitos constroem saberes e atribuem sentido às suas vivências. O caráter exploratório foi importante porque ofereceu abertura para que diferentes percepções e realidades emergissem a partir das respostas dos estudantes, favorecendo uma análise mais próxima do cotidiano escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado, elaborado com base em estudos anteriores sobre ensino de Ciências e a percepção ambiental, como o trabalho de Vieira *et al.*, (2023), que investigou concepções de alunos sobre serpentes e destacou a importância de valorizar o conhecimento prévio dos estudantes na construção de





saberes científicos. O instrumento continha nove questões abertas e fechadas que buscaram identificar o que os alunos sabiam sobre as PANC, quais espécies conheciam, de que forma as utilizavam na alimentação e na medicina popular e qual era a origem dessas informações, se da escola, da família ou da comunidade. Outras perguntas abordaram a frequência de consumo, o modo de preparo e a importância dessas plantas como alternativas alimentares e ambientais.

O questionário foi aplicado em sala de aula, em um momento planejado de conversa e reflexão sobre o tema. Cada estudante respondeu individualmente, de forma voluntária e anônima. Essa etapa foi fundamental para criar um espaço de troca e permitir que os alunos expressassem suas ideias livremente, sem o formato rígido de uma entrevista formal.

As respostas obtidas foram analisadas à luz da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que busca compreender as mensagens expressas nas falas e nos textos dos participantes, identificando categorias temáticas e recorrências. Essa análise possibilitou perceber padrões de pensamento, reconhecer lacunas de conhecimento e compreender como os estudantes relacionam as PANC à alimentação, à cultura e à sustentabilidade.

Durante o desenvolvimento da pesquisa também foi produzida uma cartilha pedagógica construída a partir das plantas mencionadas pelos participantes e das espécies encontradas no entorno da escola. O material reuniu informações sobre nomes populares e científicos, formas de preparo, usos culinários e curiosidades sobre o valor nutricional e medicinal dessas plantas. Inspirada em práticas de educação ambiental e no diálogo entre saberes populares e científicos, a cartilha teve como objetivo servir de apoio às aulas de Ciências, incentivando o reconhecimento da biodiversidade local e promovendo hábitos alimentares mais saudáveis.

A identificação taxonômica das plantas e a complementação das informações sobre seus usos medicinais e culinários foram realizadas com base em obras de referência, como Kinupp e Lorenzi (2021), que apresentam um levantamento detalhado das PANC no Brasil, e Echer *et al.*, (2021), que discutem a relevância dessas espécies para a sustentabilidade e para o ensino de Ciências. Essa consulta bibliográfica contribuiu para validar as informações obtidas com os estudantes e para estabelecer um diálogo entre o conhecimento empírico e o científico.





A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da instituição e contou com o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética de nº 84981824.5.0000.5025 e parecer nº 7.251.36), devidamente registrados como condição necessária e suficiente para prosseguir com cumprimento das etapas metodológicas do referido trabalho. A direção da escola autorizou a realização da investigação e todas as informações foram tratadas de forma sigilosa, garantindo o respeito à integridade e à privacidade dos envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se fundamenta em duas dimensões interligadas: a primeira trata da pesquisa qualitativa como abordagem formativa e interpretativa no campo da Educação; a segunda aborda o potencial pedagógico e socioambiental das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no ensino de Ciências da Natureza. Essa junção favorece uma prática pedagógica crítica e contextualizada, comprometida com a formação de cidadãos conscientes, participativos e sensíveis às questões sociais e ambientais que permeiam sua realidade. Ambas as perspectivas se complementam ao propor uma educação que valorize o conhecimento local, a sustentabilidade e a autonomia dos sujeitos.

A pesquisa qualitativa, no campo educacional, se destaca por possibilitar uma compreensão mais profunda das experiências humanas, das relações sociais e dos significados construídos pelos sujeitos. Segundo Minayo (2014), esse tipo de pesquisa permite captar a complexidade dos fenômenos educacionais, considerando o contexto, as interações e as práticas vividas pelos participantes. Ela não se limita à descrição de fatos, mas busca interpretar as percepções, valores e saberes que emergem das relações entre ensino e aprendizagem.

De acordo com Zanette (2017), a pesquisa qualitativa na educação tem papel formativo porque reconhece o estudante como protagonista da produção de conhecimento, transformando suas experiências e vivências em fontes legítimas de saber. Essa perspectiva favorece a construção de uma prática pedagógica mais humanizada, voltada para a realidade e





para as necessidades concretas dos educandos. Nesse sentido, como afirmam Lüdke e André (1986), a escola deve ser um espaço de diálogo e reconstrução de saberes, onde conhecimentos científicos e saberes populares se encontram, promovendo aprendizagens contextualizadas e culturalmente significativas.

As Plantas Alimentícias Não Convencionais constituem eixo central do estudo e são compreendidas como espécies vegetais comestíveis que, embora amplamente disponíveis, são pouco exploradas comercialmente ou socialmente valorizadas. Segundo Echer *et al.*, (2021), essas plantas possuem alto valor nutricional e fitoterápico, desempenhando papel importante na conservação da biodiversidade e na segurança alimentar. Kinupp e Lorenzi (2021) destacam que o uso das PANC promove a diversificação alimentar e o aproveitamento sustentável dos recursos naturais, tornando-as aliadas no combate à fome e à insegurança alimentar.

No contexto do Recôncavo da Bahia, região marcada pela riqueza cultural e pela presença de práticas agrícolas tradicionais, as PANC representam um elo entre o saber ancestral e a educação contemporânea. Cherobini, Marques e Biondo (2022) destacam que o cultivo e consumo de plantas alimentícias não convencionais em escolas incentivam práticas de educação ambiental que contribuem para a valorização da biodiversidade e para o fortalecimento da identidade cultural das comunidades locais. Essa integração entre o conhecimento científico e o saber popular reforça o papel da escola como agente de transformação social e ambiental.

A inserção das PANC no currículo escolar dialoga com os princípios da Educação Ambiental, que busca despertar nos estudantes a consciência sobre a importância da sustentabilidade e da soberania alimentar. Para Jacobi (2003), a Educação Ambiental deve ser compreendida como prática social capaz de estimular atitudes responsáveis e solidárias em relação ao meio ambiente e à coletividade. Quando associada às PANC, essa perspectiva ganha força por aproximar alunos e realidades ecológicas e culturais do território em que vivem.

Freire (1996) defende que a educação deve ser construída a partir do diálogo entre diferentes formas de saber, reconhecendo o conhecimento popular como ponto de partida para a produção de novos entendimentos. Então, o estudo das PANC no ensino de Ciências permite





que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos e culturais, conectando o aprendizado escolar às suas experiências cotidianas e à valorização dos saberes da comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do questionário com 20 estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do Recôncavo da Bahia possibilitou compreender como os jovens percebem as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e o espaço que elas ocupam em seu cotidiano. O contato com as respostas revelou um cenário marcado pela curiosidade, mas também pela falta de conhecimento sobre o tema, o que reforça a importância de abordagens educativas que aproximem a botânica e a alimentação da realidade dos alunos.

Nas primeiras questões, que investigavam o motivo do baixo consumo de PANC, a maioria apontou a falta de conhecimento como principal barreira. Essa constatação dialoga com os achados de Vieira *et al.*, (2023) e Echer *et al.*, (2021), que destacam o desconhecimento como um dos principais fatores que dificultam a valorização das espécies locais. Muitos alunos afirmaram nunca terem ouvido falar sobre algumas dessas plantas, evidenciando o distanciamento entre as novas gerações e os saberes tradicionais que envolvem a flora regional.

Quando questionados sobre como o consumo poderia ser estimulado, as oficinas de culinária apareceram como a alternativa mais citada. Os estudantes reconheceram que aprender a preparar receitas com as PANC tornaria o tema mais interessante e aplicável ao dia a dia. Essa percepção reforça a importância das metodologias ativas no ensino de Ciências, em que o conhecimento é construído a partir da experiência e da participação. Segundo Freire (1996) e Jacobi (2003), o aprendizado se torna mais significativo quando o discente se envolve de forma prática e crítica com o conteúdo, especialmente em temas que dialogam com o cotidiano.

Entre as 18 espécies mencionadas pelos alunos, destacaram-se *Talinum paniculatum* (língua-de-vaca) e *Pereskia aculeata* (ora-pro-nóbis), ambas conhecidas por seu valor nutricional e pela presença comum em quintais e hortas familiares. A lembrança dessas plantas reforça o vínculo entre o ensino e o território, valorizando a biodiversidade local e os saberes transmitidos entre gerações. Conforme Cherobini, Marques e Biondo (2022), o cultivo





e consumo de plantas alimentícias não convencionais incentivam práticas de educação ambiental em escolas, promovendo a valorização dos conhecimentos tradicionais e das práticas sustentáveis.

Os principais obstáculos apontados pelos estudantes ao cultivo dessas plantas foram a falta de conhecimento e o pouco incentivo ao plantio. Alguns mencionaram que muitas pessoas “não sabem que são comestíveis”, enquanto outros ressaltaram que “não têm o costume de plantar”. A falta de valorização dessas espécies, muitas consideradas “matos” também foi mencionada. Esses depoimentos revelam que o desafio não é apenas técnico, mas também cultural, exigindo mudanças na forma como a sociedade percebe o valor dos alimentos locais.

Em relação à incorporação das PANC na dieta familiar, a maioria dos alunos sugeriu o uso dessas plantas em pratos simples, como saladas, refogados e sopas. Muitos demonstraram interesse em aprender novas receitas e compartilhar o preparo com a família, o que evidencia abertura para a introdução dessas plantas na alimentação cotidiana (SILVA; PRADO; ARRUDA; LIMA, 2025).

As barreiras mais citadas para o consumo foram a falta de conhecimento e a ausência de tradição, seguidas da carência de incentivo para o cultivo e da insegurança quanto à identificação das espécies. Mesmo diante dessas dificuldades, os estudantes reconheceram o potencial das PANC para promover sustentabilidade e segurança alimentar. Destacaram a redução da dependência de fertilizantes químicos e a contribuição para uma alimentação mais saudável e acessível. Tal percepção está em consonância com Echer *et al.*, (2021), que apontam as PANC como alternativas sustentáveis diante dos desafios ambientais e sociais atuais.

Durante as discussões realizadas em sala, se percebeu o envolvimento e o interesse dos alunos, especialmente quando o tema era relacionado à vida na zona rural, ao cultivo familiar e às práticas de plantio herdadas dos avós. O diálogo entre os saberes científicos e os conhecimentos populares despertou sentimentos de pertencimento e reconhecimento do valor da cultura alimentar local. Essa integração reforça o que Freire (1996) chama de educação libertadora, em que o conhecimento nasce do diálogo e da experiência compartilhada.

A elaboração da cartilha pedagógica e do folder informativo sobre as PANC também foi um momento de grande aprendizado. Os alunos participaram do registro das plantas,





identificaram nomes populares e científicos, pesquisaram usos culinários e medicinais e ajudaram na organização do material. Esse processo estimulou a curiosidade científica e o senso de autoria, fortalecendo a aprendizagem de forma significativa. Experiências desse tipo se alinham ao que França e Oliveira (2024) destacam sobre a importância das práticas sustentáveis na escola para a formação de uma cultura de responsabilidade socioambiental, em que o engajamento dos alunos e da comunidade escolar é fundamental para transformar a cultura escolar e promover uma educação contínua e crítica. Além disso, Almeida *et al.*, (2025) defendem essas práticas educativas transformadoras, nas quais a escola atua como espaço de valorização da cultura e da biodiversidade local, fortalecendo o vínculo entre educação, meio ambiente e sociedade.

Em síntese, os resultados revelaram que o ensino sobre as PANC ultrapassa o conhecimento biológico das espécies e toca aspectos culturais, sociais e afetivos. Ao trazer essas plantas para o ambiente escolar, promove-se o resgate de saberes esquecidos, o fortalecimento da identidade regional e a construção de uma educação ambiental crítica e sensível às realidades locais. A integração das PANC no ensino de Ciências da Natureza mostrou-se, portanto, uma estratégia potente para unir ciência, cultura e sustentabilidade, contribuindo para a formação de estudantes mais conscientes e comprometidos com o cuidado com a vida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este estudo evidenciou que a integração das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Ensino de Ciências da Natureza na Educação Básica representa uma importante estratégia para valorizar os saberes tradicionais e promover a sustentabilidade alimentar e ambiental. Apesar do conhecimento ainda limitado dos estudantes sobre as diversas espécies e usos dessas plantas, a aproximação do conteúdo teórico com as experiências cotidianas, por meio de atividades práticas como a confecção de cartilhas e folders pedagógicos, mostrou-se eficaz para estimular o interesse e o protagonismo juvenil.

A valorização das PANC no ambiente escolar contribui para o resgate da biodiversidade local e para o fortalecimento dos vínculos culturais, elementos fundamentais para a construção de uma educação comprometida com a preservação da memória alimentar e cultural da região do Recôncavo da Bahia. Além disso, o incentivo ao consumo e cultivo dessas plantas pode promover práticas alimentares mais diversificadas e saudáveis, reforçando a segurança e soberania alimentar das comunidades.

Neste sentido, a transversalidade da Educação Ambiental, aliada à perspectiva agroecológica, configura-se como um caminho promissor para a formação de cidadãos conscientes e críticos, aptos a questionar modelos de produção hegemônicos e a adotar práticas sustentáveis em seu cotidiano. O desafio reside na continuidade e ampliação dessas práticas pedagógicas, integrando o conhecimento científico e o saber popular, para efetivar mudanças significativas no currículo escolar e na cultura alimentar.

Em síntese, a pesquisa reforça a urgência de políticas públicas e iniciativas educativas que considerem as PANC como recursos estratégicos para a promoção da saúde, cultura e meio ambiente, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e sustentável.





REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOSQUEIRO, Lana Campos; VIEIRA, Maria Fernanda Andrade Calmon; PROENÇA, Yara. **A biodiversidade das PANC como forma de garantia nutricional e sustentabilidade na rotina alimentar.** Trabalho de Conclusão de Curso, Escola Técnica Estadual Trajano Camargo, Centro Paula Souza, Limeira, 2023.

CHEROBINI, Luciane; MARQUES, Francisco Luiz; BIONDO, Elaine. Cultivo e consumo de plantas alimentícias não convencionais incentivam práticas de Educação Ambiental em escola de Igrejinha (RS). **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 199–219, 2022. DOI: 10.34024/revbea.2022.v17.12727. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/12727>. Acesso em: 19 out. 2025.

DA CONCEIÇÃO VICENTE DE ALMEIDA, M.; DUARTE LOPES TALINA, M.; JANTALIA, C.; PIRES DE QUEIROZ, P. A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA COMO METODOLOGIA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO

FUNDAMENTAL. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 1–17, 2020. DOI: 10.21713/rbpg.v16i35.1651. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1651>. Acesso em: 19 out. 2025.

ECHER, R. et al. Saber sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na Agricultura Familiar vinculada à Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), Canguçu, RS. **Revista Thema**, v. 19, n. 3, p. 635–655, 9 nov. 2021.

FRANÇA, Julimar Pereira; OLIVEIRA, Maspolly Antônio Nobre de. Educação Ambiental e sustentabilidade escolar no "Projeto Cidadania e Sustentabilidade na Escola". **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 19, n. 9, p. 187–206, 2024. DOI: 10.34024/revbea.2024.v19.18626. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/18626>. Acesso em: 19 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189–206, mar. 2003.

KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas.** . Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. . Acesso em: 19 out. 2025. , 2021





LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eger. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, E. Livro **O DESAFIO DO CONHECIMENTO ATUALIZADO** Minayo 2014. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/584246427/Livro-O-DESAFIO-DO-CONHECIMENTO-ATUALIZADO-Minayo-2014>.

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. — Conselho Nacional de Saúde. Disponível em:

<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>.

SILVA, Isadora Linder da; PRADO, Nataly Lima; ARRUDA, Vitor Hugo de Lima; LIMA, Vitória Eduarda Moreira. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) do Cerrado: Uma revisão sistemática sobre diversidade, usos e sustentabilidade. **Revista Biodiversidade**, v. 24, n. 2, 2025. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/19931>. Acesso em: 19 out. 2025.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 65, p. 149–166, ago. 2017.

